

Blue Notes | Fechamento da Semana | 6 de março 2020

Além da contaminação viral, mercados temem contágio financeiro. Mercados continuaram operando num tom pessimista, a despeito da ação preemptiva e surpreendente do Fed americano. Além do alastramento geográfico do Coronavírus, ao que parece, o mercado começa a precificar um contágio financeiro mais forte que retroalimenta o impacto econômico já bastante negativo da doença. Nessas situações, uma resposta globalmente coordenada das autoridades econômicas é essencial e é isso que o G7 esboçou nessa semana. Nesse contexto já bastante conturbado, o Brasil ainda se mostra vulnerável com uma recuperação econômica ainda não consolidada e uma agenda de reformas travada pelas dificuldades de coordenação política, restando ao Banco Central o pesado fardo de tentar estabilizar o mercado e ainda prover mais estímulo à economia.

Fed lidera ação preemptiva. A semana começou com uma reunião entre os banqueiros centrais e ministros das finanças do G7 para discussão dos impactos do coronavírus, mas que resultou apenas em um comunicado vago sem promessas de ações mais concretas, o que desapontou as expectativas. Apenas poucas horas após a reunião, o Fed decidiu tomar a dianteira e surpreendeu o mercado cortando os juros em 0.5% de maneira extraordinária, para a faixa entre 1% e 1.25%. Reconhecendo que a economia americana continua forte, o que é consistente com os dados de atividade e mercado de trabalho divulgados nesse início de ano, o comitê justificou a ação nos riscos para a economia representado pelo coronavírus. Entretanto, a medida não foi suficiente e as condições financeiras continuaram a apertar com o mercado precificando novos cortes que levariam a taxa de juros para próximo de zero, movimento que deve levar o Fed a realizar novas reduções dos juros e ser seguido por outros bancos centrais.

Cada BC tem sua restrição para acompanhar os movimentos do Fed. Seguindo a ação do Fed, o Banco do Canadá cortou sua taxa de juros em 0.5% e outros BCs ao redor do globo devem seguir na mesma direção em breve, porém grande parte do mundo desenvolvido dispõe de pouco espaço de juros após anos lutando contra a baixa inflação. Já para os emergentes o desafio é diferente, riscos para a estabilidade financeira vindo do câmbio e da parte longa da curva de juros limitam futuras ações dos BCs.

No Brasil, com política fiscal restrita, BCB carrega fardo de estabilizar mercados e estimular economia. Nessa semana, o Banco Central do Brasil divulgou um comunicado atualizando sua visão em relação aos impactos do Coronavírus nas condições financeiras e econômicas, ressaltando que o impacto da desaceleração global tende a dominar uma eventual depreciação cambial e que o efeito desse evento na política monetária seria avaliado na próxima reunião do Copom. Essa sinalização parece indicar novos cortes na Selic visando compensar o choque negativo no crescimento advindo da epidemia, agravado pelo estado frágil que a economia já se encontrava antes do vírus, conforme explicitado pelo relatório do PIB de 2019. Apesar de a divulgação de um crescimento de 0.5% no 4º trimestre (1.1% no ano) ter ficado em linha com o esperado, a contração forte de investimentos e expansão lastreada na frágil demanda externa não indicavam um bom momento para a economia.

